

Jefazo - retrato íntimo de Evo Morales

Quem é Evo Morales e como se tornou quem é hoje? Responder a essa pergunta parece ser, em resumo, o que buscou – e, em grande medida, conseguiu – o sociólogo e jornalista argentino Martín Sivak ao escrever a biografia *Jefazo* – retrato íntimo de Evo Morales, lançada no começo de 2008 e que já se encontra em sua quarta edição.

O motivo de tamanho sucesso editorial explica-se tanto pela qualidade da obra escrita por Sivak quanto pela relevância do assunto abordado: incrustado no alto dos Andes, em pleno coração geográfico da América do Sul e, por isso mesmo, de inegável importância geopolítica, o país mais pobre do continente voltou a despertar forte atenção internacional na última década. A instabilidade gerada pelo

crescimento dos protestos sociais, a partir do final dos anos 1990, e a projeção da figura do então líder “coqueiro” Evo Morales, aberta e sistematicamente hostilizada pela Embaixada dos EUA em seu país e eleito presidente em 2005, despertaram grande curiosidade pela Bolívia e seu primeiro dirigente indígena.

Mas ao tempo em que trouxe a Bolívia ao centro das atenções mundiais, a reviravolta política acentuou a ignorância partilhada acerca dos rumos políticos do país e do seu presidente, sobre quem freqüentemente foram e são lançados epítetos tão díspares quanto líder indígena, narcoterrorista, revolucionário, populista, conforme os objetivos e as intenções dos seus autores. Nesse sentido, não surpreende o interesse despertado por *Jefazo* ao ajudar a reve-

lar quem é, de fato, esse personagem tão singular e, hoje, uma das principais lideranças políticas da América do Sul.

Sivak encontrou Evo Morales pela primeira vez, em 1995, na cidade de Buenos Aires e, ao longo de mais de onze anos, entrevistou-o para diversos jornais, revistas e documentários, tornando-se freqüentador do seu círculo íntimo. Isto lhe permitiu acompanhar o presidente em diversas reuniões de gabinete e inúmeras viagens pela Bolívia e vários países, muitas das quais são habilmente contadas no livro, dando-nos acesso a uma perspectiva que de outra maneira não poderíamos ter.

Jefazo narra desde a infância pobre de Morales como pastor de lhamas, no altiplano de Orinoca, até o início do seu terceiro ano como presidente da República, em 2008, mesclando, alternadamente, a história pessoal e o exercício do mandato presidencial. O autor principia sua narrativa em junho de 2006, mês seguinte à tão comentada nacionalização da exploração do gás natural. No segundo capítulo retrocede às origens do atual presidente, abrangendo o período que vai do seu nascimento, em 1959, a 1995, quando autor e biografado se co-

nheceram durante o seminário “Perspectivas de Libertação na América Latina”, na Universidade de Buenos Aires. Nos capítulos ímpares, Sivak avança pelo mandato presidencial; nos capítulos pares, retorna aos anos de camponês, sindicalista e, finalmente, político, etapas que forjaram a personalidade de Evo Morales e o fizeram o líder político que é hoje.

Tais etapas merecem ser descritas e enfatizadas, pois, como nos informa o autor: *“En 1995 [Morales] no se reconocía como político y temía meterse en política, como si fuera una cárcel de donde luego no podría salir. ‘Me verán – decía – como maleante, como haragán, como ladrón’”* (p.124-125). É a possibilidade de “assistir” a essa transformação de Morales – de líder sindical cocaleiro, cujo entendimento político inicialmente ia pouco além das demandas de seu setor e da resistência às políticas de erradicação de cultivos de coca, a estadista com um projeto de nação – que torna o livro tão interessante.

Com narrativa fluida e leitura extremamente prazerosa, *Jefazo* nos permite acompanhar o dia-a-dia do presidente em viagens de trabalho pelos rincões bolivianos, em nego-

ciações com chefes de Estado latino-americanos, europeus e asiáticos, em reuniões ministeriais, no trato com os funcionários do palácio, nas difíceis relações com a Embaixada dos EUA. Temos acesso a reações pessoais e traços da personalidade de Morales, moldada em grande parte por sua militância sindical e política, o que auxilia a compreender melhor sua figura, como na franca declaração ao autor de que *“yo acabo de entender lo del déficit fiscal y lo del superávit: antes de ser presidente no sabía [...] antes yo sabía de coca y ahora sé de hidrocarburos. Mira, yo nunca pensé en ser alcalde y ahora soy presidente.”* (p.166-167).

E, na medida em que a institucionalidade estatal boliviana é fraca e extremamente centralizada, tendo no vértice presidencial seu centro primordial de decisão, conhecer o presidente ajuda bastante a apreender os prováveis rumos do país. Conforme afirma Sivak: *“La precariedad [del Estado] es material, aparece en la burocracia estatal, en la preparación de sus funcionarios, en el caos de la organización y en la debilidad institucional del país”* (p.323). Esta institucionalidade precária é, inclusive, um fator importante para en-

tender os caminhos atuais da Bolívia, já que um componente significativo do projeto político do Movimento ao Socialismo (MAS) é justamente a criação de instituições ou, como costuma dizer o próprio Morales, a construção de “um Estado de verdade”.

A ausência deste “Estado de verdade” é responsável, por exemplo, pela preocupação inicial do governo quanto a possíveis golpes militares, acontecimento corriqueiro na história nacional pós-independência e que provoca divergências entre os estudiosos sobre o número de tentativas de golpes de Estado. Desde a Guerra de Independência, lembra Sivak (p.11), dos 83 presidentes bolivianos, 37 governaram de fato, mas não de direito. Para reafirmar o princípio de autoridade e fazer cumprir efetivamente as liberações políticas tomadas pelo governo, em seu primeiro mês como comandante-em-chefe das Forças Armadas, Evo Morales decidiu aposentar dois generais.

Ademais de criar um Estado, o processo político liderado por Morales aponta, na verdade, para a construção da nação, mediante iniciativas de estímulo ao orgulho pátrio, de defesa da soberania do país

e de valorização das tradições culturais, muitas delas milenares. Da proposição da folha de coca, como emblema de uma nova Bolívia, ao protagonismo dos povos indígenas, por tanto tempo espezinhadados, da escolha das roupas usadas pelo governante à das datas para os anúncios presidenciais, as manifestações simbólicas da nacionalidade estão presentes em cada ação do atual governo. Assim, ficamos sabendo que a decisão de mobilizar as Forças Armadas para a ocupação das petroleiras nacionalizadas em 1º de maio de 2006, tão criticada pela mídia brasileira, teve a intenção de inculcar nos militares bolivianos sentimentos de consciência nacional, no que aparentemente o presidente vem sendo bem-sucedido.

A Bolívia vive hoje uma encruzilhada histórica de grandes proporções e não parece exagero imaginar que o êxito ou fracasso do projeto político ora em execução no país deverá exercer forte influência na dinâmica de integração sul-americana. Entender o processo em curso é uma obrigação tanto para os cientistas sociais interessados pelo tema como para os militantes comprometidos com a causa. O livro fornece sólidas contribuições ao reve-

lar como se formou e evoluiu politicamente seu mais destacado líder e que, segundo o próprio Sivak, é "*la personificación del cambio*" (p.323). Se como bem disse Ortega y Gasset nós somos nós e nossas circunstâncias, encontramos em *Jefazo* um bom relato das circunstâncias de Evo Morales e, portanto, do próprio Evo.

Nota: SIVAK, Martín. *Jefazo - retrato íntimo de Evo Morales*. 4 ed. Buenos Aires: Debate, 2008. 344p.